

## AMADIS DE GAULA OU O MITO DA SOLEDADE

### 1. O CASO DO ROMANCE *AMADIS DE GAULA*

A primeira versão que hoje se conhece do romance *Amadis de Gaula*, constituída por quatro livros, foi publicada em língua castelhana, em 1508, Saragoça, por Garci Rodriguez de Montalvo; Montalvo confessa no prólogo da obra, que o seu livro é a refundição de outros três anteriores. Ora, no *Cancioneiro de Baena*, por volta de 1370, Pedro Ferrús, alude, em língua castelhana, à existência do romance, em três livros, sem indicar autor. Em Portugal, por sua vez, Gomes Eanes de Zurara, na *Crónica de D. Pedro de Meneses* (I, cap. 63), escrita pouco depois de 1450, adianta que o livro foi composto na corte de D. Fernando, por um Vasco de Lobeira. Em 1880, foi publicado o *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, com composições medievais em galaico-português, onde figura, subscrito por João de Lobeira, um poema, “Lais de Leonoreta”, que aparece traduzido e inserido na versão do *Amadis* de Montalvo (Livro II, cap. LIV). Em 1598, Miguel Ferreira, filho do autor dos *Poemas Lusitanos*, a propósito de dois sonetos do pai em linguagem arcaizante sobre um episódio do *Amadis*, o de Briolanja, adianta que os sonetos foram compostos em linguagem usada no tempo do rei Dinis, a mesma que, segundo ele, serviu para compor a história do *Amadis*, cujo original ainda se conservava, de acordo com a sua notícia, na biblioteca da casa de Aveiro, que ardeu em 1755.

João Pires de Lobeira, o autor da canção de Leonoreta, é um trovador da segunda metade do século XIII e princípios do seguinte, que viveu na corte de Dinis, herdeira como o leitor sabe daquela outra, muito culta, que veio de França com o conde de Bolonha, o futuro Afonso III, pai de Dinis. Põe-se a questão de ser ele, João Lobeira, o autor dos três livros originais do romance, que o seu descendente Vasco de Lobeira teria revisado e completado, justificando assim a atribuição de Zurara. O facto do livro ter sido composto originalmente no reinado de Dinis, numa época recuada, mas muito tocada pelas dramatizações narrativas da matéria da



Bretanha, como se tira da tradução do pseudo-Boron, para depois ser completado e revisto no do seu bisneto, não é inverosímil, se pensarmos que a prosa portuguesa ganhou autonomia e maturidade nesse período, primeiro com as excelentes traduções da matéria da Bretanha, que o leitor já conhece, e depois com os livros de linhagens e a *Crónica de 1344* do conde de Barcelos. Acrescente-se ainda, a favor de uma autoria originalmente portuguesa do *Amadis*, a intervenção no texto de Montalvo, por indicação expressa do narrador (Livro I, cap. XL), do infante Afonso de Portugal, que Luís Miguel Ferreira, no comentário à edição dos dois sonetos de seu pai, indica como sendo o futuro Afonso IV, mas que deve ser o seu meio-irmão, o bastardo Afonso Sanches (1280-1329), primogénito de Dinis e seu filho preferido, ou ainda, segundo Carolina Michaëlis, o irmão de Dinis, que viveu de 1263 a 1312, e foi súbdito castelhano nos últimos anos da sua vida.

A ser assim, o romance representaria a tentativa bem sucedida de dar corpo, a uma prosa dramático-narrativa original que fosse capaz de ser, no seu género próprio, aquilo que estava a ser a cortesia dos trovadores galaico-portugueses; essa prosa passava assim ao lado da mística da *Demanda* (a que se pode acrescentar a tradução feita em Alcobça, na mesma época, da *História de Barlaão e Josafate*), representativa da Idade Média de Bernardo de Claraval. A lírica occitânica tivera como contraponto narrativo as grandes dramatizações do amor do ciclo arturiano, com Chrétien, Thomas e Béroul, que são a expressão dramático-narrativa do ideal cortês; a lírica galaico-portuguesa, apresentando os mesmos valores e bebendo nas mesmas fontes, teria esse mesmo contraponto de desenvolvimento nos livros mais antigos, escritos em galaico-português, do *Amadis de Gaula*.

Assim como assim, o problema da língua original do *Amadis* não passa de hipótese e as provas não são, nem para o lado castelhano, nem para o português, conclusivas. Também não é de rejeitar a existência de versões diversas e paralelas, durante os séculos XIV e XV, tanto escritas em português como em castelhano. Seja como for, e por tudo aquilo que pode acumular um romance que é expressão da lírica de cortesia galaico-portuguesa, mas cuja primeira versão conhecida é escrita em castelhano, o *Amadis* tanto pertence a portugueses como a castelhanos, fazendo parte, por razões diversas, nem sempre cruzadas, de um reservatório poético comum aos dois povos.

